

---

## É PRECISO DEFENDER A ESCOLA

---

*Alexandre Filordi de Carvalho<sup>1</sup>; Julio Groppa Aquino<sup>2</sup>*

As profundas mudanças sócio-históricas atestadas na contemporaneidade impõem múltiplas interrogações às práticas escolares. De um lado, a problemática definição de uma concepção geral de escola permanece em suspenso; de outro, encontramos face a face com a singularidade de cada instituição escolar, suas idiossincrasias, demandas particulares etc. Daí algumas questões incontornáveis: quais extensões e retrações o âmbito escolar vem assumindo na atualidade? Quais as fronteiras, de direito e de fato, de sua jurisdição, hoje? Para que e para quem a escola se destina nas coordenadas do presente?

A reboque de tais indagações, a questão nuclear que o presente dossiê toma para si poderia ser sintetizada da seguinte maneira: Quais consequências teórico-empíricas podem emergir para o campo da educação quando se defende a escola?

Da crise da educação anunciada por Hannah Arendt nos anos 1950 até os diagnósticos presentes em *L'école entre crise et refondation*, de Samuel Johsua, passando por um sem número de pensadores das mais variadas procedências teóricas, numerosas críticas foram tecidas a respeito do papel da escola e de sua polêmica inserção na sociedade. Em todas essas vertentes de pensamento, pode-se encontrar algum tipo de diagnóstico acerca da inoperância dos fazeres escolares, especialmente no que se refere à missão canônica de formação das novas gerações. Contudo, é inegável que a escola persiste sendo um acontecimento indelével na história do Ocidente, bem como uma pródiga fonte de experimentação de novos horizontes culturais.

Defender a escola, tal como sugere o título do dossiê ora proposto, não significa aquiescer com as dificuldades, os impasses e os limites de que as práticas escolares correntes parecem padecer. Ao contrário, trata-se de afirmar sua dimensão rigorosamente pública em favor de um diálogo afinado com o presente histórico, por meio do chamamento à produção ativa de arranjos ético-políticos insuspeitos quando se trata da conjuntura escolar e de suas potências próprias. Nesses termos, defender a escola implica produzir um

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas, SP – Brasil. Graduado em Pedagogia – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas, SP – Brasil. Professor em Educação – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – São Paulo, SP – Brasil. E-mail: [afilordi@gmail.com](mailto:afilordi@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorado em Psicologia - Universidade de São Paulo (USP) - São Paulo, SP - Brasil. Graduação em Psicologia - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professor - Universidade de São Paulo (USP) - São Paulo, SP - Brasil. E-mail: [groppaq@usp.br](mailto:groppaq@usp.br).

tipo de endereçamento vitalista em direção não apenas às inflexões com que os protagonistas escolares se defrontam diariamente, mas sobretudo à capacidade de resistência e de reinvenção ético-políticas que subjazem a essas mesmas inflexões. É no intervalo desse paradoxo ou, no limite, aporia que, a nosso ver, o pensamento educacional pode se movimentar, sem prejuízo analítico ou epistemológico de qualquer ordem.

A partir de tal propositura geral, o dossiê *É preciso defender a escola* tem por objetivo perspectivar analiticamente os possíveis lugar, papel, produção e transformação da instituição escolar no cenário sociocultural contemporâneo, incluídas suas proveniências e singularidades históricas. Para tanto, toma-se como referência deflagradora do exercício analítico, presente nos distintos e variados matizes dos artigos ora reunidos, a obra de Jan Masschelein e Maarten Simons – *Em defesa da escola pública – uma questão política*.

Com efeito, não se trata de apresentar aos leitores uma apologia do livro dos autores belgas, mas de fazer conexões com a sua força de questionamento do próprio presente escolar. Prova disso é o fato de que, mediante movimentos macropolíticos cada vez mais reacionários, o cenário social brasileiro vem atentando para a necessidade imperiosa de se lutar em favor da defesa de uma escola voltada notadamente para a *res publica*. Não é apenas o movimento *Escola Sem Partido*, por exemplo, que aí lateja como problematização ou, no caso do Estado de São Paulo, o jogo de argumentos tecnocráticos para justificar o injustificável: o fechamento de escolas. Também está em causa uma gama inteira de fetiches pedagógicos eivada por distorções do princípio de que a lida concreta de uma escola exige vontade e empenho político em todos os sentidos e em todas as direções, as quais são forjadas em uma sociedade dada, em uma época dada, com ligações políticas que não abrem mão do comprometimento do fazer-se com a escola.

Os seis artigos que compõem o presente dossiê, cada um a seu modo, veem-se irmanados na defesa da escola, com todas as exigências e todos os desafios que isso decreta. Nesse sentido, a multiplicidade do campo teórico convocado pelos autores aqui reunidos, com vistas a fazer girar o caleidoscópio acerca do universo escolar na contemporaneidade, maneja, de modo transversal, as linhas que sobejam numa tessitura cuja estampa não é capaz de traduzir a complexidade de sua própria consecução. Isso significa que se há uma intenção no presente dossiê, ela se encontra ao lado daquilo que ele pretende abrir, e não concluir ou tampouco alinhar.

Desse modo, o primeiro artigo do dossiê denominado *Entre nós, em defesa de uma escola*, de Walter O. Kohan, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), coloca em evidência não apenas as teses fundamentais da obra de Masschelein e Simons, porém, ousa dilatá-las na articulação com o pensamento de Simón Rodríguez, a fim de pensar a escola

popular como experiência de fazer uma outra escola. Escola que, por sua vez, coloca em marcha concreta a necessidade de transitar pela constante invenção e atenção ao saber e ao lugar do outro. Somos levados, no limite, a pensar a escola de uma forma afirmativa, dotada de uma vitalidade, em um tempo e um lugar específicos, com os quais é possível se produzir uma série de ações concretas.

Ligados à Universidad Pedagógica Nacional (UPN) da Colômbia, Carlos Ernesto Noguera-Ramírez e Dora Lilia Marín-Díaz apresentam o artigo *Em defesa da experiência escolar: uma escola com fronteiras*. Contrapondo-se à doxa de um mundo sem fronteiras, os autores, com muita precisão, sustentam a necessidade urgente de uma concepção de escola que se volte para as suas próprias fronteiras. Em outros termos, uma escola atenta aos processos históricos de enfraquecimento de suas fronteiras, isto é, de suas relações fundamentais com o conjunto de saberes, com as normas histórico-sociais e, não menos importante, com sujeitos capazes de tomar as suas dimensões subjetivas como marca de uma história que pode nos transformar na mesma medida que nós mesmos podemos transformá-la. Desse modo, repensar as fronteiras e os limites da escola também é pensar no uso de “velhas ferramentas e exercícios” voltados para a formação de indivíduos, capazes de reconstruir e atualizar o nosso mundo. Para tanto, a relevante noção de antropotécnica, advinda do pensamento de Sloterdijk, é concebida como chave de análise para evidenciar as razões pelas quais a escola moderna continua sendo um acontecimento antropológico cuja radicalidade, além de ter modificado a maneira de pensar o humano, persiste, claro está, como acontecimento incontornável ao que podemos vir a ser.

Sob outro ponto de vista das questões político-históricas engendradas na defesa da escola, Alexandre Filordi de Carvalho e Sílvio Gallo, ligados respectivamente à Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), desenvolvem a hipótese de que é preciso defender a escola do próprio dispositivo pedagógico, no artigo intitulado *Defender a escola do dispositivo escolar: o lugar do experimentum scholae na busca de outro equipamento coletivo*. Analisando o pensamento de René Schérer, a artigo, mediante a hipótese de que o dispositivo pedagógico coloniza nossa sociedade segundo a forma de uma pedagogia integral, problematiza a intensidade como a escola reproduz tal dispositivo, dando voltas sobre si mesmo. Desse modo, de nada adiantaria suprimir a escola do cenário histórico, como sustentou Illich, se o dispositivo pedagógico permanecesse como tal. Daí que se faz necessário conceber a escola como um outro equipamento coletivo, capaz de, na expressão de Masschelein e Simons, promover um constante *experimentum scholae*, ou seja, espécie de um laboratório, lugar de ensaio e de experimentação. No *experimentum scholae* são mobilizados processos de criação e de produção de novos manejos do saber e das relações subjetivas e inter-subjetivas, fazendo

explodir as estruturas de exploração, de sujeição e de hierarquia tão presentes nos equipamentos coletivos.

É na esteira das críticas direcionadas ao dispositivo pedagógico que convergem, igualmente, as análises que o artigo *Escola como fábricas de sujeitos. Gênese da modernidade escola no México* busca alcançar, notadamente no sentido de se questionar a herança colonial da escola estabelecida na América Latina. Aportados na analítica foucaultiana acerca do biopoder, Ana María Valle Vázquez e Marco A. Jiménez, da Universidad Nacional del México (UNAM), evidenciam os exercícios de poder que se fixaram como táticas e estratégias de produção de sujeitos escolarizados a partir de práticas que manejaram, e ainda o fazem, fluxos de sujeições contínuos que, a despeito de suas especificidades históricas, seguem presentes nas categorias analíticas da guerra, da luta racial, da disciplina e da normalização. Assim, o artigo, à medida que desvela a inflexão de tais fluxos das relações de poder na escola, problematiza a necessidade de defender a escola dessas mesmas relações de poder.

Mas é justamente com o intuito de não repisar as mesmas armadilhas discursivas que, em nome das críticas e dos diagnósticos em torno das relações de poder presentes na escola, apregoam em tom novidadeiro práticas e discursos pedagógicos embalados pelo mantra da inovação, que o artigo *Defender a escola das pedagogias contemporâneas* vem a lume. Ao longo de sua argumentação, Julio Groppa Aquino, da Universidade de São Paulo (USP), retoma o debate em torno da crítica às práticas ditas tradicionais, com o fito de analisar o documentário brasileiro *Quando sinto que já sei*, tomando-o como ocasião de expressão/difusão dos ditames obtusos das pedagogias contemporâneas. Ao fim e ao cabo da argumentação, o autor, consoante às ideias de Masschelein e Simons, propõe o que nomeia “uma educação pelo arquivo”, o que asseguraria, quiçá, um desbloqueio das forças instituintes do *éthos* escolar e, sobretudo, da potência da palavra aí abrigada.

Encerrando a sessão dos artigos do dossiê, desponta a reflexão mobilizada a pensar o lugar das diferenças, das singularidades e das subjetividades que buscam afirmar a produção e a defesa de uma escola heteronormopatológica. Assim, no artigo *Acima de tudo, que a escola nos ensine. Em defesa da escola de surdos*, Maura Corcini Lopes e Alfredo Veiga-Neto, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), respectivamente, propõem-se a analisar documentos e narrativas surdas em defesa da escola de surdos, a partir dos estudos foucaultianos. Seus autores levam a cabo as implicações para o cenário da educação contemporânea ao pensarem a educação desde a concepção de surdez como experiência de subjetivação

constituída, entre outros atravessamentos, pela escola e pelos exercícios de liberdade e de convivência.

O dossiê abarca ainda uma alentada entrevista com Jan Masschelein e Maarten Simons. Nela, as repercussões e, sobretudo, as críticas a *Em defesa da escola pública – uma questão política* são exploradas, pormenorizadas e debatidas. Assim, tanto os críticos quanto os signatários das teses de Masschelein e Simons ganham novas ferramentas para repensar os contornos ético-políticos da obra que animou a proposição do presente dossiê.

Na condição de organizadores do presente dossiê, não poderíamos deixar de agradecer ao corpo editorial da revista ETD por seu empenho e presença ao longo da organização deste trabalho, bem como aos autores aqui reunidos.

*Outubro de 2017*